

**A metodologia das oficinas pedagógicas: um relato sobre transgressão,  
engajamento político e educação feminista em escolas públicas**

Natália Kleinsorgen Bernardo Borges<sup>1</sup>

Thais Domingos dos Santos Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:**

Este trabalho tem por objetivo relatar as observações, atividades, incômodos, inquietações e sugestões que surgiram ao longo das oficinas sobre gênero e a realidade da mulher na sociedade brasileira, realizadas em colégios públicos de Niterói, Magé e Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro, durante o mês de março de 2018. Além da introdução, no qual é reportado o caminho percorrido até as oficinas, durante a construção da Greve Internacional de Mulheres no 8 de Março de 2018, dividimos o artigo em dois momentos: o primeiro no qual apresentamos as oficinas criadas por nós, pontuando o objetivo de cada uma, o material necessário e a metodologia que utilizamos nas escolas. Todas as oficinas pedagógicas são de caráter experimental e continuam em análise e aperfeiçoamento. O segundo em que relatamos nossas experiências nas diversas salas de aulas que tivemos, contando algumas situações que vivemos junto aos mais de 400 jovens que entramos em contato ao longo mês. Por fim, conclui-se que, apesar das dificuldades criadas com fim de proibir o debate sobre gênero nas escolas, é possível, através da ação de alguns professores, subverter as políticas institucionais e construir uma educação engajada. Por Marielle Franco, por Dandara, por Angela Davis, por Audre Lorde, por bell hooks, e por Andrea Dworjin e por Gloria Anzaldúa: não vão nos calar!

**Palavras-chave: Educação; Gênero; Educação Feminista.**

<sup>1</sup> Mestra em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC/ UFF); natkbb@gmail.com

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba (PPGed/UFSCar); thisdsr@gmail.com

## 1. Introdução

“E é possível ser outra coisa?” – nos perguntou uma aluna de escola pública de Niterói, sobre a falsa dicotomia criada entre mulheres *putas* e mulheres que são *esposas e mães*. O debate era acerca da frase da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2013) – “*Tem mulher que é pra casar, tem mulher que é pra cama*”, projetada em uma das dinâmicas que realizamos no mês de março de 2018. As observações, atividades, incômodos, inquietações, sugestões, que surgiram ao longo desse tempo, nesses espaços, realizados em colégios públicos de Niterói, Magé e Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro, são o objeto de análise do relato que se segue.

A ideia da realização das oficinas surgiu durante a construção da Greve Internacional de Mulheres, no 8 de Março de 2018, tanto em nível estadual quanto local, na cidade de Niterói, quando pudemos perceber, enquanto feministas independentes, uma articulação que não nos representava. Por um lado, a presença de mulheres organizadas em partidos e correntes de esquerda nos frustrou, já que não conseguíamos trazer demandas historicamente feministas, muito devido ao pouco tempo das escassas reuniões, mas também pelas demandas trazidas pelas militantes, que se organizavam antes com seus núcleos para tirarem o que seria levado aos nossos encontros de construção.

Éramos mulheres que discordavam politicamente em diversos assuntos, juntas, ali para a organização de uma intervenção específica: o 8 de Março feminista. Porém, a nossa impressão era que, mesmo ausentes, as vozes masculinistas das organizações importavam mais do que as demandas das mulheres. O acúmulo de participação em partidos e movimentos sociais nos colocou nesse ponto de inquietação, e à margem. Qual foi o espaço em que nos sentimos seguras? Com nossas pautas tratadas com prioridade? Onde o ego – principalmente o masculino – não afundava todo nosso desejo de trabalho coletivo? É um assunto até batido, os partidos não dão conta da experiência das mulheres – muito menos das mulheres lésbicas/negras. O movimento LGBT também não – e ainda tende a se esquecer com mais facilidade das questões de classe, algo muito difícil para uma mulher periférica. Não conseguíamos entrar nesses debates, mas também não conseguíamos tratar da nossa insegurança dentro do próprio movimento feminista.

Temas como, por exemplo, o direito ao aborto seguro e gratuito; a violência doméstica; a pauta da segurança em universidades públicas para jovens – debates como estes perdiam espaço para outros assuntos, ao nosso ver, menos importantes nas lutas por autonomia feminina,

especialmente em se tratando da principal data para reivindicação do feminismo enquanto política de libertação de meninas e mulheres. É o dia que nossas pautas se tornam prioritárias, pelo menos é o que esperamos. Porém, infelizmente o que vimos foi uma frente ampla de mulheres enquanto representantes de outras organizações, não unidas enquanto classe, nem enquanto movimento feminista, mas como estrangeiras de outras pautas terceirizadas.

Por outro lado, no 8 de março estadual, a desarticulação de militantes também nos deixava angustiadas, no sentido de gastarem muitas oportunidades para se alinhar e promover um encontro unificado, com temas que pediam debates acirrados, chegando a haver agressões por parte de algumas pessoas, envolvendo ameaças de violência física em grupos de trabalho nas redes sociais. Acreditamos que a proposta para esse mês é uma trégua, um momento de união para pensar o que temos em comum enquanto mulheres. Mas, acabando esse mês, cada uma volta a sua vida de apatia para com a outra, e sua rotina de organização de outras mil coisas. Feministas independentes são figurinhas invisíveis da organização do 8 de Março. Todo esse cenário nos cansava, enquanto nos trouxe forças para partirmos em direção a uma auto-organização de um 8M feminista, o nosso Março feminista.

Foi do desgaste que nasceu a necessidade de nos comunicarmos com amigas e colegas professoras de escolas públicas, a fim de, usando a justificativa do Mês Internacional das Mulheres, conseguirmos entrada nas escolas – a despeito das leis contra educação de gênero, para falar das violências sofridas por mulheres. Nós duas tínhamos experiências no campo das oficinas com jovens, tendo, inclusive, trabalhado juntas em uma delas, no final de 2017. Embora nossa experiência juntas nesses espaços fosse breve, havia muito acúmulo e consenso sobre a utilização da metodologia das oficinas pedagógicas.

Segundo Candau (1995) a oficina pedagógica é um espaço no qual o conhecimento, a análise da realidade, os confrontos e as trocas de experiência se dão via construção coletiva. Escolhemos trabalhar com essa metodologia porque a entendemos como uma maneira mais dinâmica e participativa de interagir com as alunas e alunos. Diferente do modelo de palestras, no qual apenas uma pessoa fala e o resto fica calado escutando, as oficinas propiciam um ambiente mais confortável para que todos se expressem. Não existe a figura da pessoa detentora do saber (palestrante ou professora) que, em algumas ocasiões, pode acarretar num sentimento de desconforto, alheamento e discordância muda. A presença das *oficineiras*, ou *facilitadoras*, é para auxílio do debate, garantindo a participação coletiva, e não deixando o assunto permanecer na superficialidade dos sentidos comuns.

Dessa vez, os *relacionamentos abusivos* foram o tema central escolhido para trabalharmos. A escolha se deu a partir de uma pesquisa feita pela ONG feminista carioca Camtra – Casa da Mulher Trabalhadora, a partir de um curso de formação feminista para jovens. Este foi o tema escolhido para a campanha que lançaram em em 2018, “Virada de Jogo”, que, além de relatos sobre o que seriam atitudes violentas, por parte de parceiros e parceiras, também enumerava algumas violências abordadas pela Lei Maria da Penha. Além disso, pedimos que as professoras envolvidas perguntassem para algumas alunas o que gostariam de debater no Mês Internacional da Mulher, colocando os relacionamentos abusivos como uma das opções, a mais votada.

Outro assunto abordado foi a representatividade feminina, pauta escolhida por estarmos realizando as oficinas no mês de celebração de lutas feministas, havendo assim, a necessidade de visibilizar a mulheres e suas conquistas ao longo da história. Processo que foi atravessado pela execução da vereadora Marielle Franco. Falar da luta das mulheres nesse mês era falar da luta de Marielle e o que representou a sua morte para todas as feministas.

Recebemos aval de todas as pessoas que conversamos propondo as oficinas, e, de um mês com pouca movimentação, ou apenas concentrada em um único dia - o 8 de Março, passamos para uma agenda lotada, contemplando quatro escolas em três cidades diferentes, havendo até mesmo necessidade de reorganizar algumas escolas para o mês seguinte. Pela variedade de municípios visitados, precisamos de uma organização que envolveu carona; divisão de custeio de passagem entre os próprios professores; e de investimento do nosso próprio bolso para o nosso transporte, assim como para a compra e produção do nosso material. Algumas vezes, precisamos cancelar ou remarcar as visitas.

Com um material elaborado por nós mesmas, baseado em pesquisas e experiência política, enxergamos nas oficinas uma possibilidade de desafiar a educação bancária e seu *status quo*, seguindo a proposta de bell hook (2013) de uma pedagogia engajada, por uma educação como expressão de ativismo político. Levando isso em consideração, podemos afirmar que, nas quatro instituições em que estivemos presentes, conseguimos levantar debates e propor confrontos ideológicos com jovens e adolescentes que foram desafiados, mas também nos desafiaram, com questões que, até então, pareciam secundárias para eles. Esse é o principal desafio de uma educação que se pretende ativista e emancipatória. E foi seguindo esses estímulos que optamos pelo diálogo com estudantes do Ensino Médio, com uma faixa etária entre 15 e 20 anos – idade em que, após ter recebido influência de uma sociedade patriarcal, de

uma educação sexista, religiosa e misógina, ainda é possível ser crítica e desconfiada; debochada e participativa; receptiva e esperançosa.

## 2. As oficinas

Inicialmente acreditávamos que iríamos trabalhar com dois dias de oficina num período total de 8h. Por isso dividimos as dinâmicas em dois momentos, o primeiro dia denominamos de “O despertar”, no qual o objetivo era demonstrar situações que, por mais corriqueiras que fossem, são parte de uma estrutura social que hierarquiza as diferenças entre os sexos. Queríamos tirar da “normalidade” situações como relacionamentos abusivos, frases e acontecimentos de senso comum que oprimem as mulheres – como as presentes na publicidade e letras de música. Neste dia, as dinâmicas utilizadas seriam: **Dinâmica Cartazes da revelação; Dinâmica Linha da violência; Dinâmica ‘É violência ou não é?’; Quiz do relacionamento abusivo; Arrumando letras.**

Desta forma, o objetivo dessas oficinas era trabalhar com questões sobre a violência contra a mulher. Para isso, também passamos o vídeo da Camtra sobre relacionamentos abusivos que, em determinado momento, apresenta e diferencia os tipos de violência: física, psicológica, sexual, patrimonial, moral.

O segundo dia chamamos de “O agir”. Se no dia anterior trouxemos um debate pesado, que muitas vezes desestrutura as alunas, podendo gerar um sentimento de impotência, neste queríamos passar uma mensagem mais otimista, ressaltando a resistência e a luta das mulheres ao longo da história. Começaríamos com uma atividade de gancho com o dia seguinte através da: **Dinâmica Publicidade para quem?**, e logo mostrando outras possibilidades através da **Dinâmica Representatividade importa**. Depois teríamos a **Dinâmica Mulheres na História (esquetes); Dinâmica Conhecendo mulheres incríveis** e, por fim, a atividade de encerramento que seria a **elaboração de um zine**.

A seguir apresentamos um pouco a proposta de cada oficina.

### 2.1. Dinâmica Cartazes da revelação

*Objetivo: incitar debate sobre papéis historicamente designados aos sexos feminino e masculino.*

Material: duas cartolinas (ou papel pardo); fita adesiva e canetinhas.

Atividade: fixa-se na parede duas cartolinas, uma com o nome MENINAS escrito e outra MENINOS, lado a lado. As/os participantes devem ficar em fila indiana mista, e um de cada vez deve correr na cartolina a sua frente e escrever uma característica relacionada a ele, na sociedade. Ex: MENINOS: corajosos; MENINAS: fofas. Após todas participarem, deve-se explorar os adjetivos citados nas cartolinas e trabalhar os comportamentos de gênero.

## **2.2. Dinâmica linha da violência**

*Objetivo: fazer com que as jovens, apesar de suas diferenças, possam perceber que situações de violência são comuns na vida de todas as mulheres.*

Material: fita colorida para demarcar o chão.

Atividade: Só participam as meninas. Traça-se uma linha no chão, divide-se as meninas em dois grupos e elas se posicionam uma de frente para a outra. Conta-se dez situações (de violência). A cada caso lido, as meninas deverão dar um passo à frente se conhecem alguma mulher que passou por isso, ou permanecerão no lugar, caso não. Ex: Em um almoço de domingo, alguém pergunta “Ainda não sabe cozinhar? Desse jeito, não vai casar nunca!”.

## **2.3. Dinâmica é violência ou não é?**

*Objetivo: discutir se situações comuns, frases feitas e clichês populares são ou não uma situação de violência contra a mulher.*

Material: cartões com frases.

Atividade: Homens e mulheres participam. Divide-se a turma em grupo e distribui-se os cartões com frases de senso comum que costumamos ouvir na sociedade, para que o grupo debata e apresente suas impressões sobre as frases. Depois, propomos um debate a partir do que eles deliberarem. Ex: Mulher que anda de roupa curta quer aparecer - é violência ou não?

## **2.4. Arrumando letras**

*Objetivo: consertar letras de música, a partir da perspectiva delas, que falem de relacionamentos abusivos.*

Material: letras de músicas impressas; canetinhas.

Elas lerão, em grupo, as letras que entregarmos, farão anotações e rabiscos sobre as letras, e fazer uma nova versão das letras, fazendo com que elas deixem de ser abusivas. (Nesta oficina é importante tomar cuidado para diversificar o estilo musical).

### **2.5. Dinâmica Publicidade para quem?**

*Objetivo: trabalhar como a representação das mulheres feitas pelas publicidades se utiliza de estereótipos de opressão feminina.*

Material: cartazes impressos ou datashow.

Atividade: Pede-se para que as/os alunas/os digam o que está errado nas peças publicitárias. Inicia-se com cartazes mais antigos até chegar nos mais recentes.

### **2.6. Dinâmica Representatividade importa**

*Objetivo: apresentar alternativas publicitárias que conseguiram ultrapassar o senso comum no que se refere a representação dos papéis de gênero.*

Material: datashow/som

Atividade: após a discussão anterior, iremos apresentar as alunas como algumas empresas conseguiram encontrar modelos positivos para representação das mulheres. Posteriormente as dividiremos em grupos no qual cada uma terá um tema-produto para propor publicidades favoráveis a emancipação feminina.

### **2.7. Dinâmica Mulheres na História (esquetes)**

*Objetivo: mostrar a força revolucionária que são as mulheres, através de eventos históricos marcados pela participação feminina.*

Material: celulares para pesquisar/ material impresso

Divide-se as alunas em grupos no qual cada um terá um momento histórico para pesquisar e ensaiar e apresentar uma pequena esquete.

### **2.8. Dinâmica Conhecendo mulheres incríveis**

*Objetivo: Apresentar mulheres que se destacaram em suas áreas e são referências históricas.*

Material: datashow

Atividade: Após a apresentação é reforçado que a participação das mulheres poderia ser infinitamente maior se não fossem os meios de repressão de seu desenvolvido pessoal, presente na sociedade patriarcal. Mesmo as mulheres que não têm seus nomes lembrados são sobreviventes. Nisto, pedir para que escrevam uma pequena biografia de alguma mulher que elas admiram (mãe, tia, avó, professora, celebridades, etc).

### **2.9. Atividade de encerramento: Elaboração de zine**

*Objetivo: criar um material visual que ilustre o que foi debatido nos últimos dois dias. O material produzido será transformado em uma “revista” e disponibilizado por e-mail para todas as participantes. Recolher e-mail da turma.*

Material: revistas, folha sulfite, tesoura, cola, canetas, canetinhas, etc.

### **3. As oficinas nas escolas**

O material que tínhamos preparado para dois dias de dinâmicas, em oito horas seguidas, era para aplicação em uma escola de Niterói, no bairro do Barreto. Porém, não foi possível realizar conforme o planejado. A professora tentou pedir liberação das turmas, mas muitos professores se opuseram. Nesta escola, ao longo de dois dias, tivemos um pouco mais de duas horas com diversas turmas, cerca de 30 alunos em cada. Tivemos que escolher quais dinâmicas priorizar no último momento – porque não havíamos sido informadas das alterações. Fragmentar as oficinas foi extremamente desgastante e como algumas eram continuções de outras a sensação era que o processo de aprendizagem não era completo.

É importante ressaltar que essas oficinas foram exatamente no dia seguinte ao assassinato da vereadora Marielle Franco, com a qual nós tínhamos grande proximidade política e, portanto, estávamos emocionalmente frágeis.

As turmas eram compostas majoritariamente por alunas/os negras/os ou pardos. Estávamos a convite da professora de História, embora outros professores tenham liberado suas turmas e, portanto, estivemos com eles em sala. Em alguns momentos, tivemos que lidar com o senso comum também dos professores - situação que aconteceu em outras escolas - que concordavam com frases opressivas, por exemplo. Nesta escola também ficou marcado o fato de que, durante o período do intervalo, alguns estudantes organizavam um pequeno “culto” onde de dentro de uma sala liam a bíblia ou cantavam músicas da igreja.

Ainda nessa escola, recebemos denúncias de alunas sobre o comportamento dos funcionários com cargo de coordenação, que pudemos comprovar durante os intervalos, e na manhã seguinte. Acontece que, em pleno mês de março, com poucos ventiladores funcionando, prédios antigos e pouquíssima ventilação, as jovens eram constrangidas por esses funcionários, que alegavam que elas “não sabiam se vestir” para assistir aula. Muitas vezes, sendo responsabilizadas pelo assédio sofrido dentro das salas, pelos seus colegas do sexo masculino.

Essas meninas, quando iam de camiseta de alça, eram forçadas a voltar para suas casas, e impedidas de assistirem às aulas, por “causarem distração” nos meninos.

Tendo que trabalhar com as dinâmicas separadas, focamos nas que abordavam relacionamentos abusivos. Foi possível observar que a grande maioria das garotas concordavam que os relacionamentos que tiveram – ou tinham, no presente – eram abusivos. Já os garotos eram resistentes com algumas situações, pontuando que não eram abusivos, mas só “cuidadosos” ou “ciumentos”. Em outros momentos, alegavam que “se não insistissem, nunca ficariam com ninguém”. Todos concordaram que nenhum deles ficaria com uma menina que já tivesse saído com muitos caras. Em contrapartida, as meninas afirmaram que, se utilizassem o mesmo critério, não ficariam com ninguém. Em duas turmas tivemos alunas que saíram chorando, e houve um caso de uma estudante dizer que o namorado, sabendo do que estava acontecendo na escola, a proibiu de “assistir a aula que iria colocar coisas na cabeça dela”. Na hora da saída, um aluno chegou a nos abordar questionando se queríamos destruir o relacionamento dele.

Dentro desta programação, fomos convidadas a fazer as dinâmicas numa ONG, no centro de Niterói, com pouco alunos – aproximadamente 20, e mais tempo para debater – cerca de 4h. Neste dia, a conversa foi mais aprofundada e acolhedora. Foi possível realizar quase todas as dinâmicas do primeiro dia e mais algumas do segundo, inclusive a proposta de que falassem de uma mulher inspiradora para eles (a maioria falou de suas mães ou avós).

Foi perceptível que a presença dos homens tende a monopolizar as falas e o tempo para debater questões pertinentes a eles. Por exemplo, foi o longo o período dedicado a debater se existiam ou não *mulheres que gostam de apanhar na cama*; ou sobre a liberdade das mulheres em venderem seus corpos – principalmente através das propagandas. Segundo a opinião dos meninos, as mulheres se submetem a esse tipo de trabalho porque querem.

As outras duas escolas que fomos, uma em Magé e a outra em Rio Bonito, no interior do Rio de Janeiro, foram marcadas por grandes públicos. As professoras que nos convidaram acharam que iríamos ministrar uma palestra no lugar das oficinas, e ampliaram o convite para toda a escola. Nesses dois dias conversamos com mais de 200 alunos e optamos para um modelo mais palestra-interativa. Nosso desafio foi garantir a participação dos estudantes para que não ficasse apenas um monólogo de nossa parte. A matriz que usamos foram gráficos selecionados da pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) de 2014 - Tolerância Social à violência contra as mulheres, numa adaptação da Dinâmica ‘**É violência ou não é?**’. Pedíamos para que as alunas e alunos levantassem a mão se concordassem ou discordassem da frase

apresentada e, a partir da defesa de alguns deles, é que fazíamos nossas ponderações, guiando o debate para além do senso comum, sempre deixando eles mesmos se contradizerem.

Na frase “Os homens devem ser cabeça do lar” muitas das alunas/os entraram na contradição de concordar com frase e perceber que sua própria realidade não condizia com esse modelo. Ambas as escolas eram localizadas em bairros periféricos de suas cidades, com maioria de estudantes negros e pardos, muitos deles tinham seu cuidado garantido apenas pela mãe ou alguma outra mulher da família, como a tia ou a avó. A figura paterna é algo ausente em diversos casos e, em outros, é a figura do agressor.

Por isso, é comum que jovens e adolescentes defendam a tese de que “homem que bate em mulher é porque está bêbado”. Esta é a desculpa que mães e avós costumam utilizar para justificar a agressão sofrida pelos “patriarcas” da família – e é desta forma que seus filhos e netos entendem: quando estão sóbrios, eles se tornam menos violentos. Mas, e quando suas mães bebem? Elas também ficam agressivas? E bebida pode justificar agressão? E, desta forma, vamos desconstruindo os padrões discursivos que foram cristalizados durante os anos.

Outra frase que gera bastante controvérsia, presente na pesquisa, é “Em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”. Neste caso, os próprios alunos e alunas completam a frase, e nós aproveitamos a deixa: por que é tão fácil para todas nós reproduzir certas “verdades”, certos “ditos comuns”? Como a esta altura já debatemos relacionamentos abusivos, através dos vídeos e quiz, eles já sabem que isso é violência contra mulher. Então, “até que ponto devemos esperar para interferir numa *briga de casal*”? O que tememos, ao nos meter numa briga de casal? É melhor perder a amiga, e ela ficar sabendo que pode contar com você; ou é melhor ficar quieta e vê-la sofrer por um relacionamento que não a faz bem? Ao fim do debate, esperamos encorajá-las a conversar com as vítimas que conhecem, inclusive disponibilizamos nossos contatos, caso precisem de ajuda. Algumas vezes fomos acionadas.

Uma consequência deste debate é a afirmação de que “tem mulher que gosta de apanhar”. De forma descontraída, a gente devolve a pergunta: “quem aqui gosta de apanhar? Quem aqui apanha e sai correndo para contar para os amigos; posta foto nas redes sociais apanhando?”. Elas riem. E continuamos. Elencamos juntos quais os motivos que fazem uma mulher permanecer morando com seu agressor. Elas sabem. Elas conhecem histórias. Elas compartilham histórias. Suas mães, primas, irmãs, amigas, avós. Muitas mulheres que tentaram resistir, outras fugiram com os filhos, outras permaneceram junto pelos filhos, outras não sabem o que fazer quando o marido sair da prisão. No final do debate, eles entenderam que esta é só

mais uma frase usada para diminuir a dor das mulheres agredidas, e também de responsabilizá-las pela própria agressão sofrida.

“Tem mulher que é pra casar, tem mulher que é pra cama” é outra das frases. Nessa, sempre começamos apontando a incongruência. Enquanto uma das alunas no pergunta: e tem outra possibilidade, professora, dá pra ser outra coisa? Nós dizemos: na verdade, esta frase não oferece possibilidades à mulher. Em ambos os casos, supõe-se que a mulher vive para o homem: seja no casamento, seja como prostituída; seja como *fiel*, seja como *amante*: quando afirmamos essa frase, estamos dizendo que a vida e os corpos das mulheres servem somente para satisfazer os homens. Elas ficam sempre impactadas. E dá para ser outra coisa? Sim, dá para ser professora, irmã, filha, advogada, amiga, jornalista, pescadora, feminista.

#### 4. Considerações finais

Enquanto militantes feministas e pessoas que acreditam no trabalho de base, na pedagogia engajada, na emancipação política através da educação, nós defendemos que as oficinas pedagógicas são ferramentas primordiais no caminho para o despertar crítico de estudantes que, imersos na materialidade da sociedade patriarcal, muitas vezes são sufocados por uma ideologia que direciona seus olhares para a manutenção de um sistema opressor.

Cada vez que entramos em uma sala de aula, ao mesmo tempo que estamos abertas para encarar uma realidade que se mostra para todas nós, o tempo todo, de forma violenta e intimidadora, estamos também abrindo portas para um diálogo que nos ensina e nos fortalece. É, portanto, uma via de mão dupla. Enquanto proporcionamos um espaço em que está em debate a autonomia dessas jovens, através de seu próprio protagonismo, através de suas próprias narrativas, conseguimos construir pontes para a transformação social – tudo isso dentro de um espaço institucional e regado, como a escola.

A problematização dos papéis de gênero e suas hierarquias, quando realizada dentro das escolas, faz com que os professores também percebam que podem e devem desenvolver tais debates; que podem e devem se informar sobre as violências contra as mulheres; e que desnaturalizá-las e colocá-las em cheque é essencial para que as alunas e alunos se tornem adultos emancipados, conscientes dos lugares que ocupam na sociedade, mas que estejam dispostos a transvê-los: que meninos desocupem o lugar de agressores, que meninas não aceitem agressões. Que saibam que estão sendo violentadas; que possam dizer não; que consigam ver nas outras meninas um espelho delas mesmas, e não rivais. Que possam ajudar outras mulheres de suas famílias. Acreditamos, pelo resultado do que vimos e vemos em

escolas, que as oficinas pedagógicas podem auxiliar no caminho para a libertação de meninas e mulheres.

#### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. IPEA. SIPS. **Tolerância Social à violência contra a mulher**. Disponível em:<[https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf)>. Acesso em 28 maio 2018.

CANDAU, Vera. et al. **Tecendo a Cidadania**: oficinas pedagógicas de direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 1995.p.126.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

SAMPAIO, Paula Faustino. Oficinas de gênero e cidadania na escola. *Mneme – revista de humanidades*, v. 16, n. 36, p. 54-76, Caicó, jan./jul. 2015. Dossiê Ensino de História.